



Inked

CULTURA. ESTILO. ARTE.

PITTY

SEM LIMITES

ELA CHUTA OS RÓTULOS
E ENCHE OS OLHOS

DITA VON TEESE

COM CHICOTE NA
MÃO E LÍNGUA SOLTA

MS-13

NO PRESÍDIO, COM A
GANGUE LATINA QUE
TIRA O SONO DO FBI

ALLAN SIEBER

"JÁ PENSOU? EU PEÇO UMA
COROA E O CARA ME TATUA
A HEBE?"



VINNIE JONES | MMA NA IGREJA | MODA URBANA | MOTOS CUSTOM | INKED

#01





Sumário

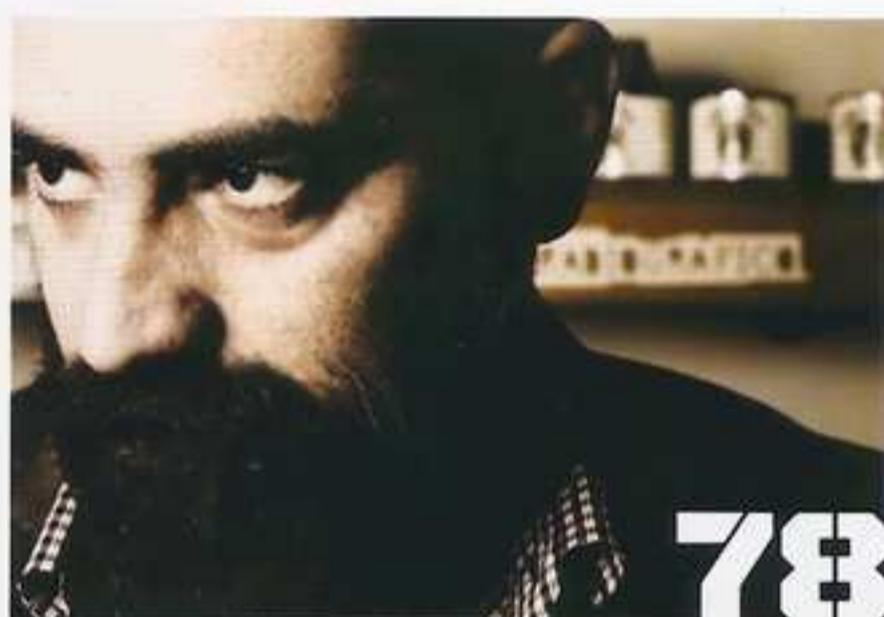


09 INKED LIFE: resenhas e vitrines | **21 INKED PEOPLE:** Chica Loca, Henrique Fogaça, Andreia Dias, Baixo e Mariana | **30 MMA E RELIGIÃO** | **36 ENSAIO DE CAPA:** Pitty | **46 INKED STYLE:** moda urbana | **54 QUESTIONS + ANSWERS:** Vinnie Jones |

FOTOS: 1 DANIEL ARATANGY | 2 ROBERTO SETTON | 3 NALATA | 4 e 9 FOTONAUTA | 5 RUDY ARCHULETA | 6 SHERRYL NIELDS | 7 ARQUIVO PESSOAL | 8 TOM BAUER



CAPA FOTO: DANIEL ARADANGY, ESTILO: MANU CARVALHO, PRODUÇÃO DE MODA: CAMILA SALLES, BELEZA: ELIEZER LOPES (CAPA MGT), TRATAMENTO DE IMAGEM: RO MAGEM, PRODUÇÃO EXECUTIVA: FABIANA DE TOLEDO GUERREIRA



58 RESCUE INK | **62 INKED FAVES:** Dita Von Teese | **72 MS-13** | **78 INKED TALK:** Allan Sieber | **86 INKED GIRL:** Sandra Jahn | **94 INKED SCENE:** estúdios, tatuadores e desenhos



INKED LIFE

My First Ink

NOME: Soraya Novaes Marx

OCUPAÇÃO: estudante

CIDADE: Rio de Janeiro, RJ

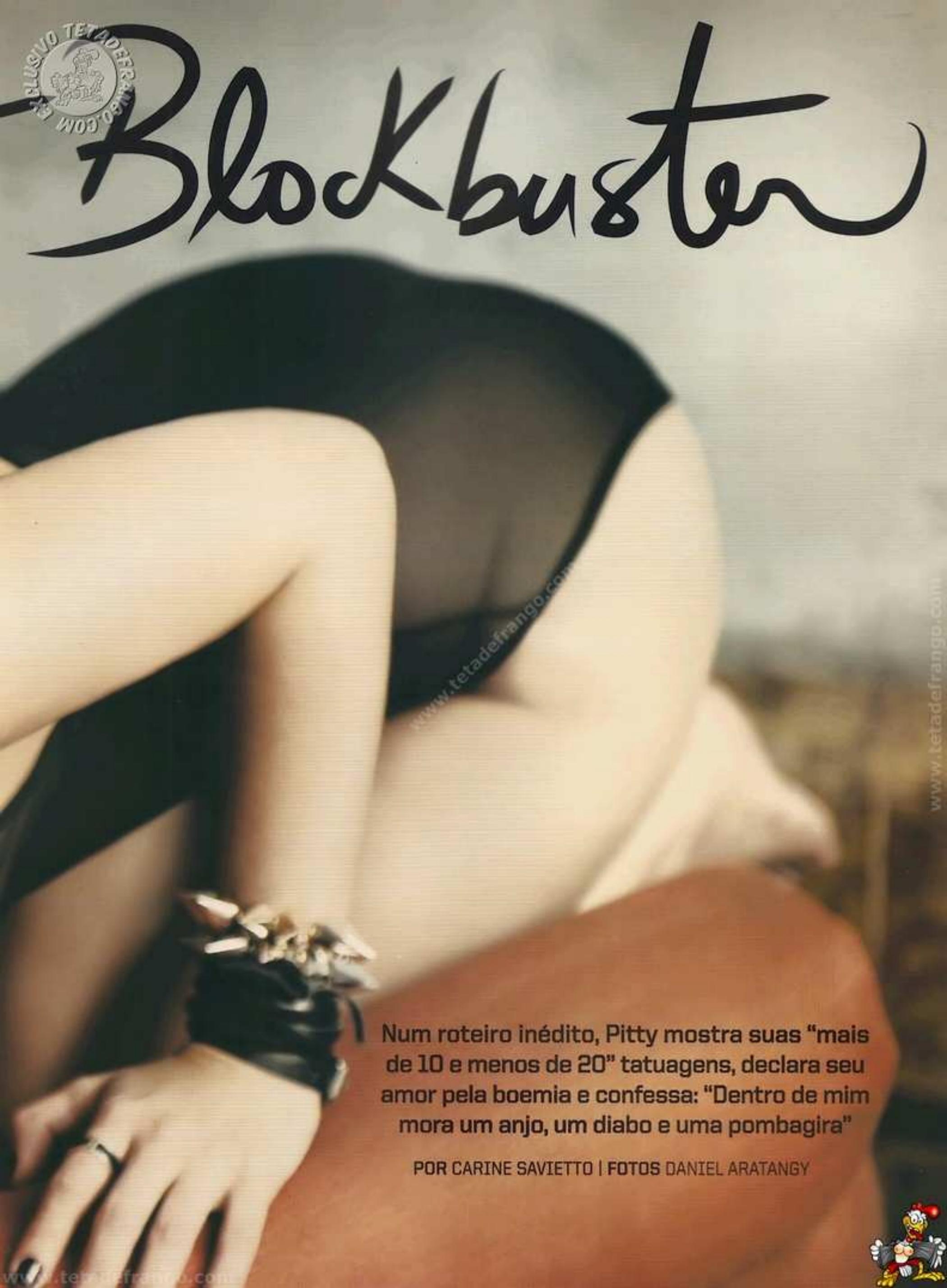
"Aos 13, convenci minha mãe a me levar pra fazer a minha primeira e única tattoo (sim, ela acreditou que seria só essa). O desenho era um símbolo do meu signo chinês, o tigre. Instruído pela minha mãe, o tatuador fez de tudo pra me convencer a desistir. Teimosa que sou, fui em frente. Sai de lá feliz e pronta pra próxima, mas o lado ruim de ser uma 'tatuada de primeira viagem' acabou me pegando: o desenho, feito na nuca, não passava de um borrão sem nenhum significado. Anos depois, cobri essa tatuagem - dessa vez, escolhi um olho sangrando, que é bem mais a minha cara e foi muito benfeito."





Pitty





Blackbuster

www.tetadefrango.com

www.tetadefrango.com

Num roteiro inédito, Pitty mostra suas "mais de 10 e menos de 20" tatuagens, declara seu amor pela boemia e confessa: "Dentro de mim mora um anjo, um diabo e uma pombagira"

POR CARINE SAVIETTO | FOTOS DANIEL ARATANGY

www.tetadefrango.com





www.tetadefrango.com



OCENÁRIO É TALVEZ O MAIS PÉ SUJO DOS HOTÉIS PÉS SUJOS DE São Paulo. A trilha sonora vem de um iPod que disputa a única tomada do quarto com uma cafeteira elétrica e as parafemálias do fotógrafo. Os coadjuvantes são as prostitutas e os travestis que, entre um trabalho e outro, surgem por uma porta e cruzam os corredores sem olhar pra trás. A protagonista, interpretada por Priscila Novaes Leone – roqueira, baiana, boêmia e tatuada –, se diverte com cada detalhe. "Show!", ela ri, mais do que pronta pra entrar em cena. Sua personagem, é bom avisar, é ela mesma – mas pode chamar de Pitty se preferir.

Todos os dias quando acorda, a estrela do primeiro ensaio de capa produzido pela *Inked* no Brasil imagina que a sua vida é um filme. O roteiro começou a ser escrito em diários secretos aos oito. Não, aos nove. Ela admite que é "horrível com datas", mas sabe que foi por aí, bem cedo, que a trama começou a ganhar vida, despejada em páginas e mais páginas que se acumularam até o fim da adolescência. O idioma original varia entre o português e uma linguagem de códigos que ela inventou, e refinou, ao longo dos anos. Símbolos egípcios, gregos e fenícios fazem parte do alfabeto indecifrável. "Eu precisei me proteger: tem trechos dessa história que eu só confesso pra mim mesma, e olhe lá".

Foi nessa língua tão particular que seus dramas teen se desenrolaram. Ela não só chorou, mas criptografou, cada uma das dores do primeiro amor não correspondido. Tudo ao som de "Patience", do Guns N' Roses, porque o menino que insistia em não notar sua existência tinha cabelão comprido e usava bandana, no melhor estilo Axl Rose de Porto Seguro. Um dia, ele "simplesmente" morreu num acidente de carro. "Ai, sim, virou o amor ideal, né? Ele nunca mais ia poder fazer merda e eu ia achar ele perfeito pra sempre. Quase construí um altar pra ele". Hoje, ela vê o passado com sarcasmo: "Amor porra nenhuma, né?".

Também foi muito secretamente que Pitty começou a desenvolver o script dos seus sonhos. Adolescente, se acostumou a embarcar numa espécie de transe – ou "exercício de visualização instintivo" – antes de dormir. "Eu deitava e me imaginava num palco. Via a cena do começo ao fim, do jeitinho que eu queria que acontecesse". Predestinação, premonição, física quântica? Dê o nome que quiser. "A vida tem muitos lances inexplicáveis, daí a gente pode achar que é coisa do destino. Eu gosto das teorias meio hippies... Sempre prefiro acreditar que a minha cabeça me leva pra onde eu quero".

Perto dos 18, a pressa de chegar a algum lugar a consumia. Ela queria ganhar a liberdade, a vida, o mundo – só que ele ainda parecia girar em câmera lenta. "De repente, entrei numa onda de querer renascer, me desprender de tudo o que eu tinha sido até ali". A solução foi tocar fogo no roteiro ultrapassado. "Peguei todos os meus diários e fui pra um terreno baldio de Salvador". Munida de uma garrafa de álcool e uma caixa de fósforos, incendiou palavra por palavra, símbolo por símbolo. "Fiquei olhando tudo queimar. Eu pensava: eu quero sair dessas cinzas reinventada, como uma fênix".

"Cada tatuagem tem o seu papel. Acho bom elas estarem aí, nem que seja só pra me lembrar que um dia eu fui muito nova e que essas eram as minhas escolhas"

Desse dia em diante, começou a rabiscar sua nova história em bloquinhos, cadernos e folhas soltas, o tipo de material que vai sutilmente se espalhando – e eventualmente se perdendo – em bolsas, gavetas e fundos de armário. "Hoje, qualquer papel serve pra mim". A efemeridade não é problema, porque o que Pitty faz mesmo questão de não deixar pelos cantos, ela transforma em música ou inscreve na própria pele. As muitas tatuagens ("seguramente mais de 10 e menos de 20"), como a cinta-liga na coxa, o free hand verde com estrelas vazadas no braço e os naipes de baralho nos dedos, guardam lembranças ou, ao menos, "traduzem algum raciocínio muito maluco e muito pessoal".

A primeira foi feita aos 15 anos, num estúdio "muito roots da Barroquinha, ali perto do Pelourinho". "Não gosto mais do desenho [duas rosas, na canela], assim como não gosto do lagarto horroroso que eu fiz nas costas, muito cedo também", confessa. Mas só de ouvir a expressão "cover up", ela faz uma cara feia e balança a cabeça negativamente. "Não, nunca". A fase de sair botando fogo nas memórias já passou: "Cada tatuagem tem o seu papel. Eu acho bom elas estarem aí, nem que seja só pra me lembrar que um dia eu fui muito nova e que essas eram as minhas escolhas naquela época".







www.tetadefrango.com



Entre um "querido diário" e uma tattoo, Pitty viveu aquela parte do filme a que todo mundo já assistiu. Passou pela cena independente soteropolitana com a banda Shes (1998) e, depois, com a hardcore Inkoma (1998-2000). Quando achou que o sucesso nunca ia rolar e foi estudar música na Universidade Federal da Bahia, pensando em virar professora, aconteceu de ficar famosa. Entre o seu primeiro álbum solo, *Admirável Chip Novo* (2003), e o mais recente, *Chiaroscuro* (2009), ganhou cinco Discos de Ouro e dois de Platina, além de faturar troféus do VMB e do Multishow e indicações ao Grammy Latino.

Nos bastidores, que muitas vezes se tornaram públicos, ela namorou durante oito anos Duda Machado, baterista da sua banda desde o início. Teve crises de ciúmes, quebrou copo, quebrou uma casa inteira. Terminou o romance, mas não a amizade nem a parceria. Aos 28, tentou iniciar uma "carreira de pegadora, barbarizando geral", mas acabou se apaixonando por Daniel Weskler, na época com 20, baterista do NX Zero. "A gente se conheceu quando dividiu um camarim no VMB 2006. Eu não sabia nada da banda dele. Olhava e pensava: bando de moleques". Mas logo descobriu que ele era homem de verdade. Estão juntos até hoje, "totalmente sussa, sem crise nem insegurança".

A outra paixão, essa mais turbulenta, é a boemia. "A noite é muito sedutora. É viva, intensa, imprevisível. Nunca se sabe o que se vai encontrar na próxima esquina, e isso me atrai. Eu tô aí pro jogo". Tem bebedeiras memoráveis? "Ó, eu gosto dessa vida. Na semana passada, eu tava numa ressaca moral desgraçada. Entrei numas de sair todo dia e voltar de manhã muito louca, abraçar o vaso e acordar me achando péssima. Eu falei pro Daniel: 'Cara, eu preciso dar um jeito'".

Pitty chega ao clímax assim, "nessa dicotomia" entre um dia querer se acabar na vida e, no outro, malhar e comer salada pra se sentir melhor. "Eu tô tranquila, mas daqui a pouco eu vou querer estar muito louca na rua de novo, recebendo a entidade que baixa quando eu bebo". Arriscando uma autoanálise psicanalítica, ela conclui: "Tem várias personas morando dentro de mim – o anjo, o diabo, a pombagira. Cada uma tem a sua hora e, juntas, fazem eu me sentir completa".

Se todas elas fossem parar mesmo no cinema, que gênero seria? "Ih, já passei por tantos... comédia, drama, terror, romance, até pornô. Só quando subirem os créditos é que a gente vai ter certeza". ■





tetadefrango.com





www.tetadefrango.com

www.tetadefrango.com

Estilo: Maria Carvalho
Produção de moda: Camilla Sales
Beleza: Eliney Lopes (CAPA MGT)
Assistente de fotografia: Bruno Dico
Tratamento de imagem: FG Imagem
Produção de locação: Pizzi Rigucci e Corina Szwed
Produção executiva: Fabiana da Tóledo Oliveira







Von Teese

Ela ganha a vida tirando a roupa, mas é muito mais do que uma dançarina de nome que rima com striptease. Ícone absoluto do burlesco dos nossos tempos, ex-mulher de Marilyn Manson, objeto de desejo de dez entre dez fetichistas que adoram uma pin-up, ela é a nossa musa favorita: Dita Von Teese

POR ALISON PRATO | FOTOS SHERYL NIELDS

AGOSTO/SETEMBRO 2010 | 63



rente a frente com Dita Von Teese, você poderia apostar que ela não tem nenhuma tatuagem. Mas ao examinar a performer com mais atenção, perceberia que esteve prestes a perder dinheiro: a pintinha preta em seu rosto é, na verdade, a única tinta que mancha seu corpo imaculado. "Eu sempre adorei tatuagens", a diva diz à vontade, em sua casa, em Los Angeles, vestida com um penhoar roxo da década de 40. "Sou conhecida por ter namorado homens com muita tinta", ela completa. "Até tatuei um ex-namorado. Quando eu era pequena, era obcecada em desenhar um coelhinho orelhudo em todas as paredes. Ele sabia disso e deixou que eu tatuasse o meu coelhinho em sua panturrilha inteira. Rosa choque. Aquilo sim foi uma prova de amor". Entre uma lembrança e outra, a musa da sensualidade retrô não foge de nenhum assunto. E, para nossa sorte, em cada resposta, revela uma peça do quebra-cabeça que explica como Heather Renée Sweet - uma loira nascida no interior do Michigan e rejeitada na escola por usar roupas antiquadas - se transformou na morena-furacão Dita Von Teese, a stripper mais famosa (e bem paga) do mundo - suas incomparáveis performances burlescas chegam a custar 85 mil dólares. Como ela costuma dizer, vale a pena, só para "trazer o tempero de volta ao striptease". O segredo? Dita entrega: "Tenho cabeça para os negócios e corpo para o pecado".









NKED: Mesmo quando não está se apresentando, você está sempre de salto alto, roupa vintage, lingerie sexy... Como é se vestir como um símbolo sexual 24 horas por dia?

DITA VON TEESE: Esse é o meu estilo de vida. Eu não chego em casa e, de repente, visto um moletom ou uma calça de corrida da Adidas só porque ninguém está olhando. Não existe uma Heather Sweet aqui e uma Dita Von Teese lá fora. Tudo é mais ou menos uma coisa só. Já faz tempo demais... Os limites ficaram borrados.

Em que estúdio você fez a sua tatuagem? Isso também faz muito tempo? Em um estúdio bem famoso de Fullerton, na Califórnia, chamado Classic Tattoo Studio. Eu tinha 17 anos. Era lá que todos os rockabilies faziam suas tatuagens.

Foi a primeira vez que eles fizeram algo assim? Ah, sim, pode apostar que ninguém entra lá e pede uma pintinha. Mas é preciso compreender que eu era bem excêntrica, vivia desenhando corações e estrelinhas no meu corpo. Foi óbvio para mim pedir uma estrela, mas eles se recusaram a fazer. Foi uma resposta do tipo: "Nós não vamos colocar algo assim no seu rosto. Pode esquecer". Eles foram a voz da razão.

Você se sente agradecida por eles terem feito você mudar de ideia? Claro, os caras tinham toda a razão. No início dos anos 90, eu quase tatuei costuras na parte de trás das pernas. Naquela época, eu tinha mergulhado em uma pesquisa sobre os anos 40 e descoberto que, durante a Segunda Guerra, as mulheres desenhavam costuras nas pernas porque não havia meias-calças. Eu pensei: "Uau, não seria bacana?" Mas também fico muito aliviada por ter desistido da ideia. Você imagina como seria difícil combinar as costuras com meias de verdade? Seria um pesadelo.

Você já viu muitas tatuagens de Dita Von Teese por aí? É, já vi um bom número delas. Algumas são muito benfeitas, outras, muito malfeitas. A primeira que eu vi foi em 1991, quando ninguém sabia quem eu era – eu só tinha um grupo de fãs muito obscuro, de gente que se ligava em fetiche. Foi um susto quando um cara apareceu com um desenho enorme de mim, no peito. Desde

então, já vi muitas, até algumas em que eu estou completamente vesga. Eu olho e penso: "Ah, eu realmente queria que as pessoas pesquisassem mais quando resolvessem tatuar um retrato!".

E quais são aquelas que você considera espetaculares? Uma garota tem uma imagem minha com os meus leques de penas cor-de-rosa cobrindo as costas inteiras. A menina é linda e o retrato funcionou muito bem ali. Outra das minhas preferidas é uma do batom MAC Viva Glam com a minha assinatura – fui garota-propaganda deles – tatuada no coração de um cara. Obviamente, independentemente de como é a tatuagem, eu fico emocionada com o fato de alguém colocar um desenho meu no seu corpo.

Algum dos seus namorados já tatuou o seu nome? Não, isso não se faz – dá azar!

Por trabalhar em uma loja de lingerie quando era adolescente, você deve ter aprendido muito sobre sexo, homens, relacionamentos... E como! Eu costumava vender muito para homens. Eles compravam um penhoar de flanela para a esposa e algo completamente diferente para a namorada... Aí a esposa ia até a loja e eu precisava tomar cuidado para não perguntar: "Você gostou da camisola de renda preta?", porque ela não tinha ganhado nada parecido com isso. Era um emprego complicado para uma garota de 16 anos. Mas eu adorava. Eu me joguei naquele trabalho, em todos os sentidos. Foi ele que me levou a colecionar lingerie vintage, e isso me levou a fazer o que eu faço para ganhar a vida.

Quantos sutiãs e espartilhos você tem? Há quatro ou cinco anos, contamos 350. Eu não consigo me desfazer de nada, porque há muitas lembranças relacionadas a cada peça. Ainda tenho a minha primeira cinta-liga e o meu primeiro sutiã.

Como é a primeira cinta-liga de Dita Von Teese? Eu a comprei na Victoria's Secret. É de seda azul-clara, linda mesmo. Até hoje, olho para ela e penso que, mesmo tão novinha, eu já tinha bom gosto [risos].

"Quase tatuei costuras na parte de trás das pernas. Você imagina como seria difícil combinar as costuras com meias de verdade? Seria um pesadelo"





“assei minha vida inteira tentando construir uma fantasia e não vou dar a minha realidade para as pessoas. Eu queria fugir da minha realidade, que era ser uma loira de uma cidade rural no Michigan”







www.tetadefrango.com

Estilo: David Thomas (Ous Beauty)
Cabelo: John Blaine (Rouge Artists)
Make: Gregory Art
(Exclusive Artists Management)
Produção de acessórios: Jamie Dean
(The Magnet Agency)
Localização: Smashbox Studios,
Culver City, California



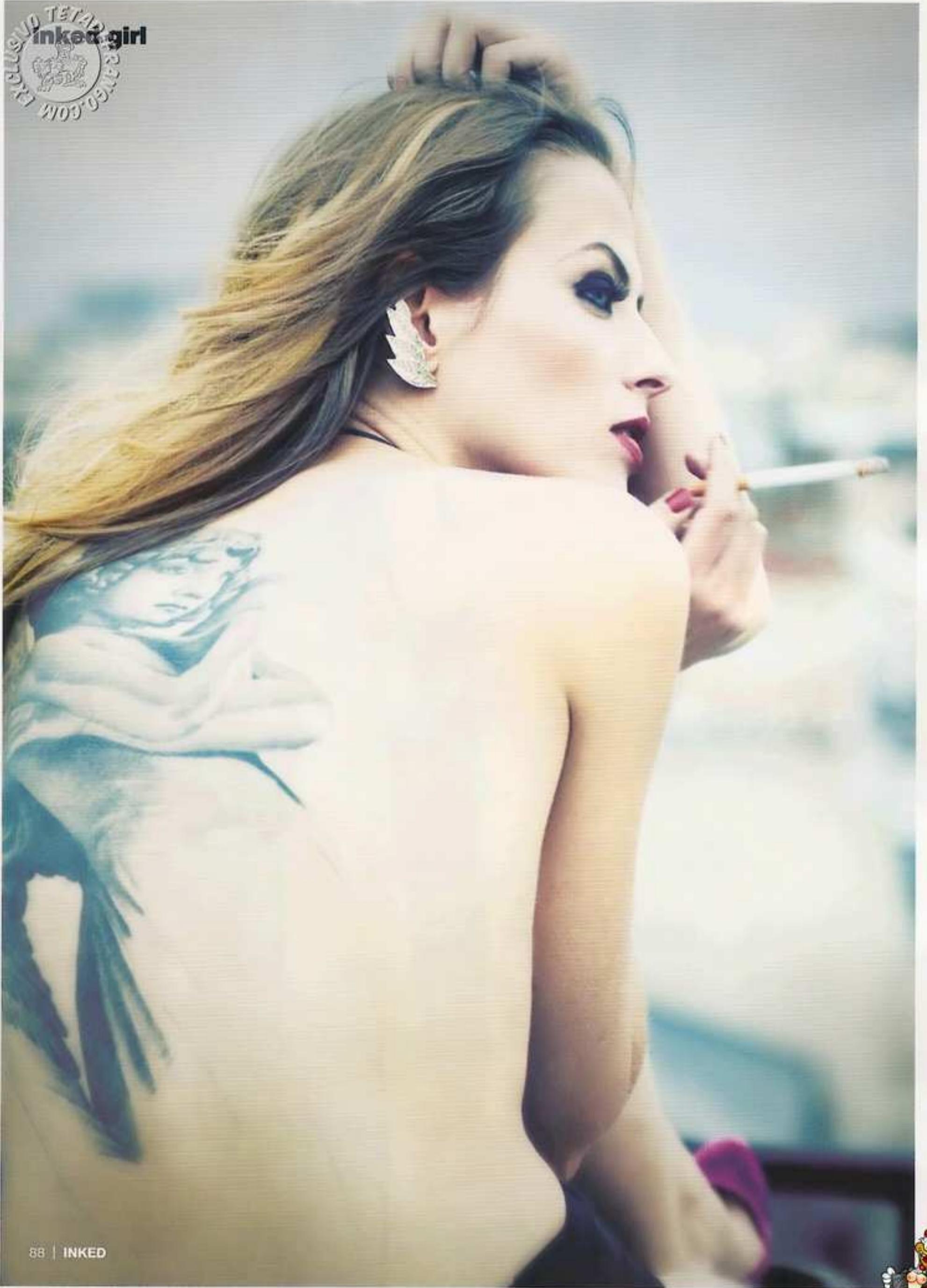


paris em chamas

FOTOS TOM BAUER | COM SANDRA JAHN









inked girl



